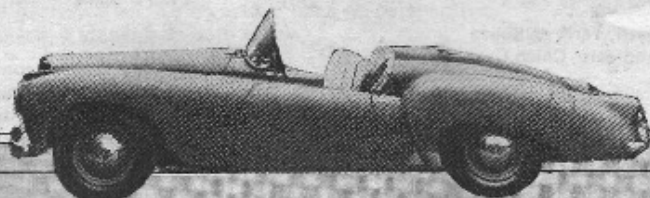
No Jornal: Caetano Veloso e Milton Nascimento

A História do Rock (8º. capítulo)

Elvis

Biografia ★ Opinião ★ Letras

Poster ★ Discografia

A HISTÓRIA E A GLÓRIA DO ROCK

OS DISCOS

Álbuns

- Elvis Presley (RCA Victor, abril 1956; BR. RCA Victor, 1956 – Fora de Catálogo)
- Elvis (RCA Victor, outubro 1956; BR. RCA Victor, 1957 – Fora de Catálogo)
- Loving You (trilha do filme; RCA Victor, julho 1957)
- Elvis Christmas Album (RCA Victor, novembro 1957)
- King Creole (trilha do filme; RCA Victor, agosto 1958)
- For LP Fans Only (RCA Victor, fevereiro 1959)
- A Date With Elvis (RCA Victor, agosto 1959)
- Elvis Is Back (RCA Victor, abril 1960)
- G.I. Blues (trilha do filme; RCA Victor, outubro 1960)
- His Hand In Mine (spirituals; RCA Victor, dezembro 1960)
- Something For Everybody (RCA Victor, junho 1961)
- Blue Hawaii (trilha do filme; RCA Victor, outubro 1961)
- Pot Luck (RCA Victor, junho 1962)
- Girls! Girls! Girls! (trilha do filme; RCA Victor, novembro 1962)
- It Happened at The World Fair (trilha do filme; RCA Victor, março 1963)
- Fun In Acapulco (trilha do filme; RCA Victor, novembro 1963)
- Kissin' Cousins (trilha do filme; RCA Victor, março 1964)
- Roustabout (trilha do filme; RCA Victor, outubro 1964)
- Girl Happy (trilha do filme; RCA Victor, abril 1965)
- Harum Scarum (trilha do filme; RCA Victor, outubro 1965)
- Frankie And Johnny (trilha do filme; RCA Victor, abril 1966)
- Paradise, Hawaiian Style (trilha do filme; RCA Victor, abril 1966)
- Spinout (trilha do filme; RCA Victor, outubro, 1966)
- How Great Thou Art (spirituals; RCA Victor, março 1967)
- Double Trouble (trilha do filme; RCA Victor, junho 1967)
- Clambake (trilha do filme; RCA Victor, novembro 1967)
- Speedway (trilha do filme; RCA Victor, junho 1968)
- Elvis (trilha do especial de TV; RCA Victor, dezembro 1968)
- Elvis Sings Flaming Star (Singer/Camden/RCA, abril 1969)
- From Elvis In Memphis (RCA Victor, maio 1969; BR. RCA Victor)
- From Memphis To Vegas/From Vegas To Memphis (duplo; RCA Victor, novembro 1969; BR. RCA Victor, 1970)
- Let's Be Friends (Camden/RCA, abril 1970; BR, RCA Victor, 1970)
- On Stage: February 1970 (RCA Victor, maio 1970; BR. RCA Victor, 1970)
- Elvis' Christmas Album (Camden/RCA, novembro 1970)
- Back In Memphis (RCA Victor, novembro 1970; BR. RCA Victor)
- Almost In Love (Camden/RCA, novembro 1970)
- Elvis: That's Way It Is (trilha do filme; RCA Victor, dezembro 1970, BR. RCA Victor, 1970)
- Love Letters From Elvis (RCA Victor, 1971; BR. RCA Victor, 1971)
- He Touched Me (spirituals; RCA Victor, 1972; BR. RCA Victor, 1972)
- Elvis As Recorded at Madison Square Garden (RCA Victor 1972, BR. RCA Victor, 1972)
- Elvis Now (RCA Victor, 1972; BR. RCA Victor, 1972)
- Elvis (RCA Victor, 1973; BR. RCA Victor, 1973)
- Elvis Aloha From Hawaii (RCA Victor, 1973; BR. RCA Victor, 1973)
- Good Times (RCA Victor, 1974; BR. RCA Victor, 1974)
- Recorded Live On Stage In Memphis (RCA Victor, 1974; BR. RCA Victor, 1974)
- Promised Land (RCA Victor, 1975; BR. RCA Victor, 1975)
- Elvis Today (RCA Victor, 1975; BR. RCA Victor, 1975)

Discos Pirata

- Please Release Me
- My Baby Is Gone
- Untitled
- The Hillbilly Cat Lives

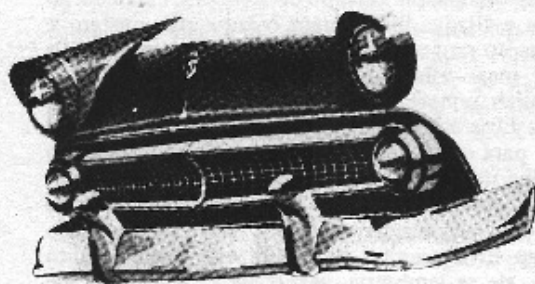
Nota: Além destes discos existem 12 álbuns de antologias, 28 compactos duplos editados pela RCA americana, 80 avulsos também da RCA e 5 avulsos da Sun Records de Memphis

Diretor: Tárik de Souza
Diretor-Responsável: Glauco de Oliveira
Diretor-Administrativo: Carlos Alves Machado
Redação: Ana Maria Bahiana, Ezequiel Neves, Martha Zanetti, Tárik de Souza
Arte: Diter Stein (diagramação), Cássio Loredano, Elifas Andreato, Chico Caruso, Luis Trimano, Petchó
Fotografia: Tânia Quaresma, Walter Ghelman
Colaboração e Consulta: Almir Tardin, Armando Amorim, Carlos Gouveia, Luiz Carlos Maciel, Maurício Kubrusly, Okky de Souza, Henfil
Distribuição: Superbancas – Rua do Rezende, 18 – Rio de Janeiro
Impressão: Apex – Gráfica e Editora Ltda. – Rua Marques de Oliveira, 459 – Rio de Janeiro
Registrada no DCDP/DPF sob o nº 1337 – P. 209/73
Publicidade: Carlos Alves Machado – São Paulo: QUANTA/Merchandising, Desenho Industrial e Embalagens Ltda. – Rua Francisco Leitão, 149 – tel.: 80-9853

Editado por Maracatu Editora Rua da Lapa, 120 – grupo 504 – ZC 06 – tel.: 252-6980 – RJ

Capa: baseada em desenho de Mick Wells

(Neste número contamos com a colaboração de Raul Seixas, que colocou à nossa disposição seu arquivo sobre Elvis Presley.)

ROCK, A GLÓRIA

ELVIS

PRESLEY

Era uma vez um garoto americano muito pobre chamado Elvis Aron Presley. Quando ele nasceu, a 8 de janeiro de 1935, seus pais, Vernon e Gladys Presley, não tinham nem com que sonhar: como a imensa maioria da comunidade trabalhadora não-especializada do Sul, eles se limitavam a sobreviver no limite do possível. E o possível era muito duro. A Depressão tinha devastado o estado do Mississipi e transformado Tupelo, antigo centro próspero do algodão, numa cidade estagnada e decadente. Numa tentativa de empregar a massa de ex-trabalhadores da cultura algodoeira, o governo financiara a instalação de algumas indústrias de tecidos rústicos, lonas, uniformes e calças blue jeans. Gladys Smith Presley, jovem e bem disposta, conseguira um lugar como costureira numa dessas fábricas. Vernon Elvis Presley, criado toda a vida no campo, no trato e na colheita do algodão, não sabia fazer outra coisa: Continuou colhendo e arando as terras alheias, cada vez mais estéreis e devastadas. Às vezes conseguia um emprego temporário, no auge da safra, como ajudante de caminhão. No inverno, distribuía leite e tentava aprender carpintaria. Nunca sonhavam: existiam. Como conforto e alegria, tinham a igrèja da Assembléia de Deus. Eram crentes, austeros e assíduos: na Assembléia, para conseguir a salvação eterna e fugir das chamas do inferno, era necessário apenas cantar. E se a salvação era incerta, o calor dos spirituals pelo menos ajudava aquela comunidade destroçada a se manter unida. Só um povo era mais miserável que os brancos do bairro leste de Tupelo: os pretos de Tupelo. Os pretos de todo o Sul. Aos pretos era negada até mesmo a dignidade. Por isso sua música era mais feroz, mais inflamada, seus spirituals arrebatavam e traziam consigo o transe e a possessão. Os pretos de Tupelo viviam do outro lado dos trilhos que cortavam o bairro dos brancos pobres. Não era uma conveniência intensa, mas era pacífica. Afinal, tudo unia famílias como os Presley a eles: a miséria, a falta de perspectiva, o amor pela música, a identidade pelo canto.

Elvis Aron Presley nasceu miserável num mundo repleto de música. Seu irmão gêmeo, que iria se chamar Jesse Garon, nasceu morto e foi enterrado numa lata, nos fundos do quintal da casinha de um quarto, feita de tábuas, tijolos de argila e teto de zinco. Gladys concentrou toda sua energia em Elvis. "Para Gladys ele era a coisa mais importante de sua vida", diz uma vizinha. "Ela adorava esse garoto. Deixava de comprar roupas, até sapatos, para que ele tivesse carne ou galinha pelo menos uma vez na semana. E ela nunca o deixava sozinho: estava sempre por perto, mesmo quando ele brincava com outros ga-

rotos. E ela não ia a parte alguma sem ele, nem mesmo ao armazém. Cada vez que ele se perdia de vista, nas brincadeiras com os outros moleques, ela saía gritando seu nome, chorando desesperada até encontrá-lo". Na medida do possível para uma família que se alimentava basicamente de feijão e milho e comprava uma peça de roupa e um par de sapatos a cada seis meses, Elvis cresceu mimado e cercado de atenções. Para contrabalançar, Vernon e Gladys lhe legaram o lado mais austero e duro de sua formação protestante. Ensinaram-lhe a jamais dirigir a palavra a um mais velho, a chamar todos de "senhor" e "senhora", trabalhar sempre, sorrir muito raramente. Roubar, nunca. "Uma vez Elvis achou uma garrafa de Coca Cola no meu muro e carregou para casa", lembra a mesma vizinha. "Quando Gladys viu, deu-lhe uma surra antes que ele pudesse se explicar. Mesmo quando eu intervi e disse que a garrafa não era de ninguém, ela continuou a repreender Elvis por não ter perguntado antes". O menino Elvis aceitava tudo. Era um menino muito bom. Mais tarde, ele se lembraria, agradecido: "Meus pais me deram a melhor formação do mundo, me mostraram o que era certo e o que era errado. Na época eu não entendia. Quando mamãe me batia por ter sumido da sua vista, eu achava que ela não me amava".

Com cinco anos, o bom menino Elvis se iniciou no mundo da cidade e da música. À cidade sua mãe o levava para assistir as aulas da escola pública (ela levaria Elvis à aula até a idade de 15 anos). A música veio naturalmente: nos serviços da Assembléia de Deus, nos piqueniques com os vizinhos, no rádio ouvido solenemente ao cair da tarde, cadeiras no quintal, os avós no centro, Elvis num tamborete aos pés de Gladys. Para Vernon e Gladys, a música era um alívio. Para Elvis, um sonho: muito jovem para medir a extensão de sua pobreza, ele tinha o direito de sonhar. Ficava extasiado com os microfones, com as roupas brilhantes de cetim e franjas dos cantores country, nas feiras e mafuás. Ficava entretido e ausente, ouvindo os pretos tocarem banjo e harmônica na beira do rio, nos dias de pescaria. Os spirituals o deixavam fora de si.

Por isso, quando a professora do grupo escolar perguntou à classe se alguém sabia rezar, o louro e sério Elvis Aron levantou a mão e disse que sabia cantar. E cantou, seguro e sentido, uma velha balada, **Old Shep**. Para ele, rezar e cantar eram a mesma coisa: a mágica saborosa que tornava os dias diferentes. A professora, chorosa e comovida, levou o pequeno Elvis para um concurso de talentos na feira de amostras. E ele ganhou o segundo lugar e cinco dólares. Guardou o dinheiro e, no seu 10º aniversário, somou-o às economias de Vernon para comprar um violão de 13 dólares. E começou a aprender a mágica. Com um jeito que seu tio e professor, Vester Presley considerou "surpreendente", ele aprendeu os acordes básicos. E se pôs a tocar e cantar, a resumir no seu violão o mundo de sons que ouvia à sua volta. Os hinos da igreja, que ele sabia de cor. As baladas e quadrilhas que ele ouvia no rádio e nas feiras com seus ídolos country – brilhantes, faiscantes – Jimmie Rogers, Bob Wills, Ted Daffan. E os blues rurais, tão ásperos e sentidos, de Big Bill Broonzy, Otis Spahn, Bukka White, John Lee Hooker, Howlin' Wolf, que os pretos do outro lado dos trilhos preservavam em sua integridade. Para Elvis Aron, não havia distinção alguma: tudo era música, tudo era mágica.

Quando Elvis fez 13 anos, seus pais decidiram abandonar Tupelo, procurando uma vida melhor em Memphis, capital do Tenessee, centro vital do Sul. "Nós estávamos sem um tostão", ele diria mais tarde. Tudo o que a gente tinha coube nuns poucos caixotes que papai amarrou no teto do seu Plymouth 1939. E saímos pra Memphis assim, sem saber de nada, só na esperança que as coisas iam melhorar".

Não melhoraram muito. Após um período duro morando numa cabeça de porco, todo o progresso que Vernon Presley conseguiu foi alojar sua família num conjunto habitacional do Governo. Lá, pelo menos, havia dois quartos, um banheiro e uma cozinha próprios. Gladys começou a trabalhar como ajudante de enfermagem, Vernon se empregou como encaixotador numa fábrica de tintas. Elvis foi para a Humes High School.

Aqui morou Elvis Presley

APLA

APLA

APLA

Com os pais

"Era uma escola pobre, uma escola para pobres", diz um colega de Elvis. "Ninguém estudava muito, mas também não havia muito o que estudar".

Talvez a pobreza tivesse começado a incomodar Elvis. Para escapar do tédio sufocante da vida entre o conjunto habitacional e a escola, ele jogava futebol (em geral com um time de pretos da escola negra), ouvia rádio, tocava, cantava, tocava. E guardava dinheiro para comprar roupas: "Elvis era muito diferente da gente", diz Red West, um colega de escola que hoje é seu secretário. "Ele usava um cabelo muito mais comprido que nós, e costeletas, o que na época levava jeito de coisa de caipira. Se amarrava em roupas berrantes, brilhantes, cetim preto e rosa, por exemplo. Nenhum de nós usava esse tipo de roupa. Era coisa de negro".

De fato, Elvis encontrava suas camisas berrantes e calças frisadas numa loja para negros, dentro mesmo do güeto. Um caipira? Ele era um caipira: roupas de cetim, franjas e estrelas eram seu jeito de expressar individualidade num mundo tedioso e cinza. As costeletas? "Eu tinha uma cara muito de garoto, queria parecer mais velho, com jeito de motorista de caminhão, assim um tipo durão, sabe?" Costeletas e casacos cor de rosa, jeito de negro, andar de caipira, em plena Memphis, Elvis estava forjando, sem sentir, uma identidade própria, única, tão misturada quanto suas origens e a música que gostava de cantar na escola, nos passeios com os colegas, nas festas de fim de semestre. Os amigos gostavam daquela música que tinha tantos estilos, alguns, como o blues rural, totalmente desconhecidos para eles (o mundo negro e o mundo branco eram entidades completamente separadas nas cidades do sul americano). Gostavam de ver como o tímido Elvis se transfigurava atrás de um microfone. "Ele era incrível", relembra uma colega. "Ganhava todos os pedidos de bis nas festinhas e audições. Cantava de um jeito que fazia a gente chorar, vibrar. As garotas adoravam. Ele era muito boa pinta e dançava de um jeito seu, todo diferente".

Quando Elvis fez 15 anos, ele achou que era hora de começar a procurar um emprego e colaborar para o minguado orçamento da família. Fez algumas tentativas como lanterninha de um cinema, e depois como empacotador numa fábrica de latas. Mas Gladys achava sempre que o serviço era pesado demais para seu pequeno Elvis. Mas, três anos depois, em 53, as necessidades crescentes da família – que havia sido despejada do Conjunto Habitacional por ter passado o teto máximo de renda permitida – venceram os instintos protetores de mamãe Presley: Elvis se empregou numa firma de material elétrico como motorista do caminhão de entregas. Elvis ganhava 41 dólares por semana. Metade ele entregava para o pai. A outra metade gastava com roupas de cetim, jukeboxes, gasolina para o carro e salões de barbearia. "Esse cabelo dele quase me faz negar-lhe o emprego", diz a chefe de pessoal da Crown Electric Company. "Era muito grande, e com costeletas. Mas ele era tão educado, tão polido, que eu acabei deixando ele ficar. Ele cuidava muito do cabelo: ia sempre que podia aos barbeiros mais sofisticados para frisar, lavar e aparar os cabelos. E ele tingia também, usava o cabelo bem preto".

Cabelo preto, costeletas, uma cara fechada, uma guitarra jogada no assento ao lado do motorista: Elvis o durão, o rapagão americano. Na hora do almoço, comia um sanduíche, sentava na sombra e tocava. Uma tarde de sábado, resolveu fazer algo diferente: lembrando o aniversário próximo de sua querida mamãe, ele parou o caminhão numa esquina da rua principal, pegou a guitarra e entrou no acanhado prédio de dois andares que abrigava a Sun Records, uma modesta companhia de discos. Fundada por Sam Phillips, ex-disc jokey de rádios country, a Sun tinha duas especialidades: uma era descobrir, gravar e vender artistas locais, artistas de country & western e, principalmente, músicos negros de todo tipo de blues ("Os negros são os únicos que preservaram a inventiva e a força em sua música", Sam costumava dizer); a outra era manter um serviço de gravações domésticas, dando a namorados e pais corujas a oportunidade de preservar em acetato suas declarações de amor ou as gracinhas de seus pimpolhos. Esse setor também tinha uma outra finalidade além de suprir o sempre deficitário orçamento da Sun: servia como

Sam Phillips

APLA

um meio para esquadrinhar o mercado e descobrir o sonho impossível de Sam Phillips. "O dia em que eu achar um branco que cante com a força de um negro, eu vou estar feito". Sam estava mais do que certo: só encarnado no corpo de um branco, o ritmo negro seria aceitável para uma América que só agora considerava a possibilidade da integração.

Marion Keisker, recepcionista da Sun em 53, se lembra com detalhes: "Foi no começo da tarde de um sábado muito atarefado que ele chegou, e eu achei uma figura muito estranha, com aquele cabelo grande. Ele me disse que queria gravar umas canções para sua mãe e eu perguntei que tipo de música ele cantava. Ele disse: Todos os tipos, sim senhora. Fiquei intrigada e perguntei que tipo de interpretação tinha, se era caipira (hillbilly), porque ele tinha um jeito de caipira. Ele me olhou muito sério e disse: Eu não me pareço com ninguém não senhora".

Quando Marion começou a rodar a fita, ela viu que Elvis estava certo. Ele não se parecia com ninguém. Cantou um sucesso do grupo negro The Ink Spots, **My Happiness**, e uma balada melosa, favorita de sua mãe, **That's When Your Heartaches Begin**. E seu estilo era um cruzamento perfeito entre o timbre áspero e monocórdio dos pretos e o gingado, o scat dos cantores brancos rurais. Elvis saiu com o disco para Gladys e Marion foi correndo mostrar a fita a Sam Phillips. Ele não ficou muito impressionado. Só quando Elvis voltou, no começo de 54, e pediu para fazer outro disco, Sam descobriu o que tinha lhe caído nas mãos. Assistiu à gravação e anotou: "Elvis Presley. Bom baladista. Chamar na primeira oportunidade".

A primeira oportunidade demorou um pouco a chegar, mas veio. Em junho desse mesmo ano Sam comprou em Nashville uma canção que exigia um estilo diferente de cantar (hoje nem Sam nem Elvis lembram que canção era essa). E se lembrou do "garoto das costeletas". "Foi como se Deus tivesse chamado", diz Sam. "Ele mesmo atendeu o telefone e disse 'Sim senhor, já estou indo praí'.. E veio mesmo, correndo, fez a pé os seis quarteirões e chegou bufando, todo vermelho.

Eu lhe perguntei: 'O que você sabe cantar'. E ele disse: 'Tudo, sim senhor". E começou a cantar spirituals, baladas folclóricas, blues, ragtimes. Me pareceu um bocado inseguro, e eu lhe sugeri que procurasse um grupo de apoio. Ele me disse que não conhecia ninguém não senhor e que contava comigo".

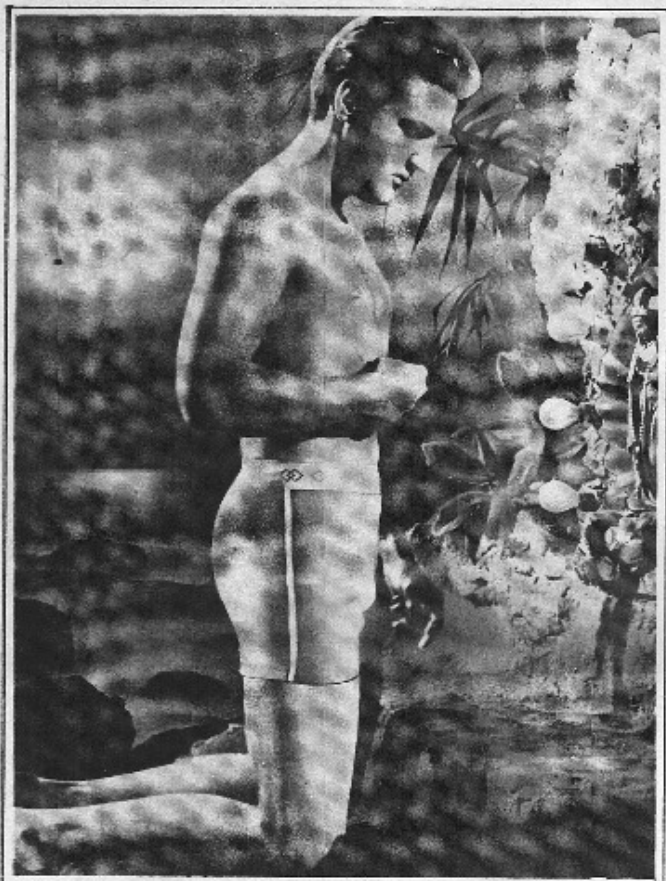
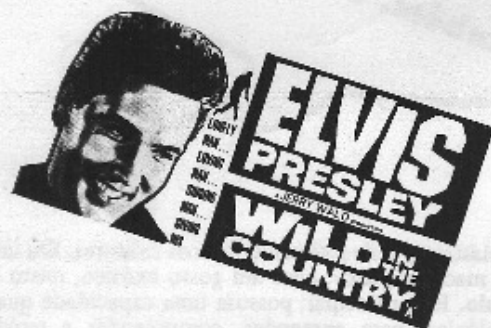
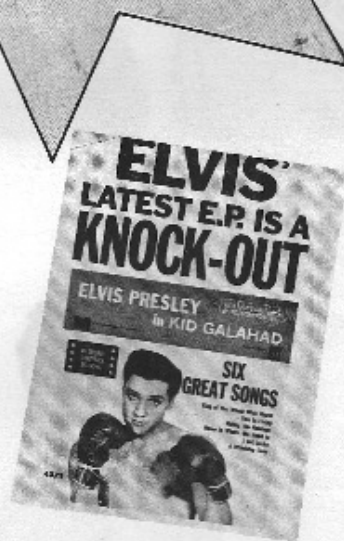
Sam marcou uma nova gravação para dali a uma semana e contactou alguns músicos seus conhecidos: o baixista Bill Black, o guitarrista Scotty Moore e o baterista D. J. Fontana, todos experientes no circuito de bailes, festinhas e feiras do Tenessee. Os músicos vieram mas não gostaram de Elvis: "Ele parecia um garotinho metido, um amador. E depois, aquelas costeletas. . . ninguém usava aquilo na época. E camisa rosa e preta também. Coisa de negro", diz Scotty. Alguém sugeriu mais músicos, um grupo com estilo bem country, com violino e pedal-steel (1). Timidamente, Elvis balbuciou: "Assim está bom, eu só quero o ritmo, sim senhor".

Um mês se passou nos estúdios da Sun, com Elvis, Scotty, Bill e D. J. tocando e Sam Phillips gravando. Tocavam basicamente melodias country, música de rodeio, baladas. Às vezes um hino, um blue. Aos poucos o gelo inicial foi sendo quebrado. E os quatro, conversando, chegaram a um acordo: com o tipo de interesses musicais que tinham, era possível criar um som diferente, um ritmo especial e único.

Uma noite, num intervalo entre vários takes de baladas country, Elvis largou a coca cola e começou a brincar cantando um rythm 'n blues de Arthur Big Boy Crudup: **That's Allright Mama**. Pulava pelo estúdio, dançando uma mistura de quadrilha com be bop com ginástica. Scotty, Bill e D. J. aderiram, acelerando o compasso, sincopando a melodia. Da sala de controle Phillips berrou: "Que diabo é isso? Continuem, pelo amor de Deus, vamos gravar". Do outro lado do avulso **That's Allright Mama**, Sam Phillips colocou uma canção à altura: uma valsinha country, **Blue Moon of Kentucky**, tão acelerada, tão ritmada, que era impossível chamá-la valsa, ou country. Em breve isso teria um nome: era rockabilly, mistura de rock, o ritmo básico dos negros, com hillbilly, a inflexão melódica e instrumental dos caipiras.

Com o lançamento do avulso **That's Allright Mama** começa o sonho americano de Elvis Aron Presley, o garotinho pobre e bem comportado de Tupelo. Agosto de 1954: o rock 'n roll, mais um ritmo de dança, uma dance craze do que propriamente uma linguagem musical, tinha acabado de tomar conta da América, da juventude americana mais rica, mais desiludida e mais ociosa que o país jamais conheceu. Elvis Presley ainda não sabia, mas ele tinha todos os elementos para se colocar na frente, no alto dessa loucura americana e dar-lhe um caráter próprio, definitivo. Era jovem, pobre e ambicioso. Tinha uma

voz potente, elástica e maleável como poucos cantores. Era uma figura bonita, machona, sexy, com um gosto exótico, misto de caipira e crioulo. E, o principal: possuía uma capacidade quase orgânica, fisiológica, para apreender, compreender e moldar todos os principais elementos rítmicos e melódicos da música americana — fosse hillbilly, blues rural, gospel, rythm 'n blues, country & western, balada pop. That's what rock 'n roll is all about.

No entanto, muito compreensivelmente, a série de cinco avulsos que a Sun Records produziu com Elvis foi destinada em sua maior parte ao público country. Destino natural para um artista sediado em Memphis, capital do country. De um lado, Elvis gravava sempre um rythm 'n blues; do outro, sempre uma canção com sabor country & western. Em todas, Elvis subvertia o esperado: cantava o blues como um caipira, cantava o country como um negro, ou fundia as duas coisas num si. .opado novo. Todos os cinco avulsos foram imediatos e fulminantes sucessos locais, na área que vai de Memphis a Nashville. Primeiro, tocavam só em rádios de negros. Mas depois que, numa entrevista, Elvis garantiu que estudara na Humes High School, uma escola "só para brancos", a explosão foi incontrolável.

Rock Dreams — Guy Pellaert

Logo após o primeiro avulso, Elvis se demitiu da firma de utensílios elétricos e começou a carreira na estrada. Seu empresário era o próprio guitarrista Scotty Moore, e no começo não foi muito fácil vender o show de Elvis no circuito country. A lei de integração racial nas escolas tinha acabado de entrar em vigor, e era uma chaga aberta no espírito segregacionista do sul.

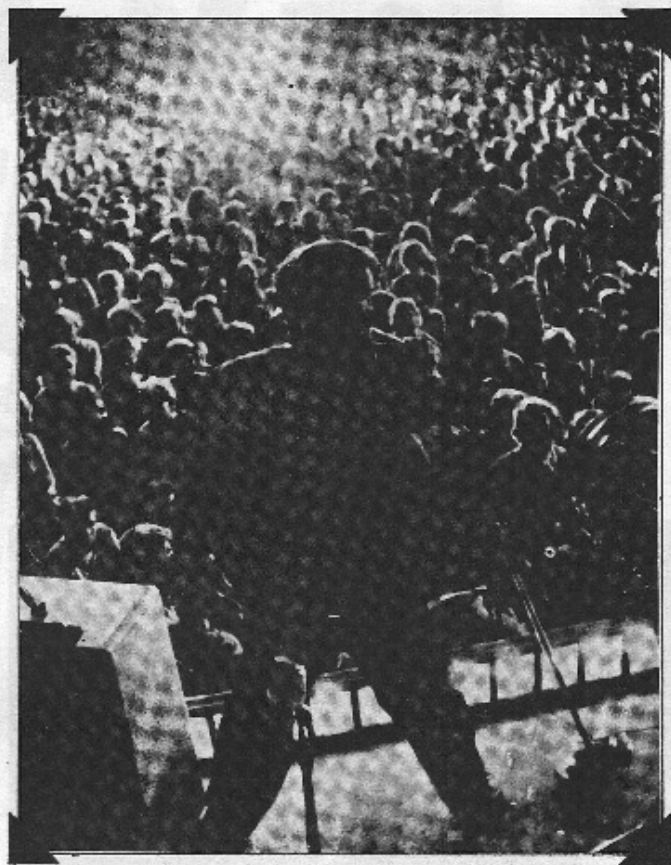
Como explicar e tornar aceitável um cantor branco com voz de negro, roupa de negro, música de negro? Como evitar que ele trouxesse o negro para dentro da asséptica família branca americana? A muito custo, e jogando com todas as influências de Sam Phillips, Elvis conseguiu um pequeno número na grande feira de música country de Nashville, a Grand Ole Opry. E foi aí que a Família Americana viu que o pior ainda estava por vir.

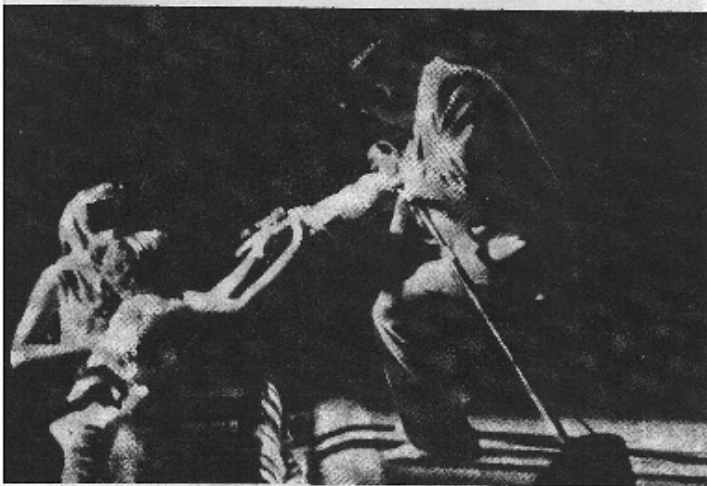
Elvis e seus músicos subiram no palco lá no fim do show, após uma série de estrelas country. Cabeça baixa, ele respondeu às perguntas do fosforescente apresentador com seu habitual "sim senhor", "não senhor". Quase um garoto normal. E então, meio tremendo de medo, começou a cantar **That's Allright Mama**. Medo, paixão, adrenalina: começou a dançar, a girar, a sacudir os quadris. As garotas gritaram, os garotos roeram as unhas, os mais velhos odiaram. Elvis foi banido do **Opry**. Mas a loucura tinha começado. "Na verdade eu estava tremendo feito vara verde", ele diria muito depois. "Não podia parar de mexer a perna, tinha de disfarçar. Aí saí dançando como costumava fazer em casa, e no estúdio".

Entre 54 e 56, Elvis e seu trio iam semear a loucura no comportado circuito country do Sul. Metidos num furgão, rolando pelas estradas, tocando em rodeios, pátios de igrejas, escolas, festivais. Os avulsos da Sun iam vendendo regularmente, e Elvis chegara a aparecer na Billboard. Mas era ali, nas estradas do Sul, que a loucura brotava. Eram os garotos, as meninas, os filhos de fazendeiros, vaqueiros, da monolítica classe média sulista que lotavam qualquer local, com chuva ou sol, para ver Elvis requebrar, soluçar, girar os quadris, exibir sua versão caipira e instintiva do rock 'n roll. "Era uma loucura", se lembra Scotty. "Esses garotos surgiam ninguém sabe de onde, bastava fazer propaganda de boca, dizendo que Elvis ia tocar em tal lugar. As meninas, então, era inacreditável: choravam e chegavam a molhar as cadeiras".

Muito em breve a histeria ia tomar conta de toda a América. Elvis, o bom menino, estava sem saber trazendo o sopro da vida, do prazer e da arruaça para uma sociedade como a de Vernon e Gladys, baseada no puritanismo, no trabalho e na sisudez. Ele não percebia isso: nunca percebeu. Sabia apenas que ganhava dinheiro, o que era muito bom. Que já podia comprar quantas camisas roxas e douradas quisesse, que podia encomendar um Cadillac rosa e dar uma casa de dois andares aos pais. Subir na vida, um velho ditado americano. Subir, mesmo às custas do rock 'n roll.

Num desses fulminantes shows de estrada, Elvis foi assistido por um espectador mais do que atento: o "Coronel" Tom Parker (2). O Coronel é o outro lado mito americano do bom garoto: é o sujeito vivido, esperto, sagaz, vagamente desonesto, o artista de fazer dinheiro. Ex-vendedor de cachorro quente, ex-empresário de mafuás e parques de diversão, ele era, em 55, um dos principais agenciadores de artistas country do Tenessee. Ele viu Elvis como muito mais que uma promessa, e muito mais que um artista country: "Fique talentoso e sexy como você é, meu filho, que eu farei contratos incríveis e nós seremos ricos como rajás", foi o que ele lhe disse. Não se sabe o que Elvis respondeu, mas deve ter dito: "Sim, senhor". Ou, como uma antiga namorada recorda: "Elvis vivia me perguntando se eu achava que ele ia ser famoso algum dia. Não famoso só em Memphis, mas no país todo, no mundo e nos cinemas. Ele ficava ansioso, impaciente e dizia: Preciso descobrir como, preciso dar um jeito".

Tom Parker daria o jeito para ele. Sua primeira providência como empresário de Elvis, foi tirá-lo da Sun e vender seu contrato e seus cinco avulsos à RCA Victor, então controladora de 70% do mercado fonográfico americano. Preço: 35 mil dólares, mais 5 mil de luvas para Elvis. Nunca um artista valera tanto. Elvis comprou um Cadillac folheado a ouro. Depois, providenciou para que Elvis tivesse sua própria editora musical, e começou a comprar diversas editoras menores. Resultado: Elvis passou a ser o beneficiário quase absoluto das rendas obtidas com as canções que cantava (e que eram sempre de outros. Às vezes ele entrava na parceria, mas era frio. Um truque do Coronel que, a pretexto de que Elvis contribuíra com arranjos, aumentava sua fatia de royalty). E passou a ter um imenso e variado repertório à sua disposição.

Depois o Coronel organizou e registrou todas as formas possíveis e imagináveis de se obter lucro com o nome Elvis: fotos, folhetos, camisetas, bonecas, penteados, lenços. E recolocou Elvis na estrada: ainda vagamente no circuito country, mas fugindo ao esquema das feiras, fazendo-o tocar em teatros e cinemas. E não apenas no Sul: em qualquer lugar onde houvessem jovens com apetite para a voz e a dança de Elvis. Hoje poderia ser dito que o Coronel fez de Elvis um ídolo de massa. Na época, tudo o que lhe ocorreu foi que havia muito mais dinheiro para ganhar além de Memphis, Tupelo e Nashville.

O que aconteceu depois que Elvis vendeu sua alma ao Coronel e sua música à RCA, faz parte da história do rock. É o trecho mais dourado do sonho. Entre 1956 e 1958, Elvis varreu a América como um furacão. Não se pode chamar, a rigor, rock 'n roll o tipo de música que ele cantava e que mostrava em seus álbuns. Evidentemente, há rocks, e alguns clássicos: **Jailhouse Rock, Blue Suede Shoes, Shake, Rattle & Roll, Tutti Frutti**. Mas há muito mais baladas, músicas country, blues lentos. O que existe de essencialmente rock em tudo é Elvis, o próprio Elvis, a voz sincopada de Elvis, seu estilo compacto de interpretar qualquer tipo de música. E seu cabelo, e as costeletas, e a negritude insuportável de suas roupas – ternos urbanos com o brilho das sedas dos vaqueiros – e a sensualidade barata e obscena de seus requebros. Por tudo isso, a juventude americana à cata de uma identidade fez de Elvis o protótipo de rebelde, a bandeira. Por tudo isso, a boa família americana, a boa imprensa americana odiava Elvis. E quando ele compareceu ao Ed Sullivan Show,

resumo televisivo da maioria silenciosa, as câmeras tiveram ordem de só focalizar a parte superior de seu corpo. Mesmo assim protestos furiosos choveram: "É lamentável que Mr. Sullivan se torne propagandista desse feiticeiro vudu que veio solapar nossos bons costumes", escreveu um editorialista. "Dar publicidade ao tipo de música que esse jovem encarna é abrir mão de nossa moralidade, é querer ver nossas filhas violadas nos carros, ao som infernal do rock 'n roll", disse um dos mais importantes radialistas de Nova York.

O que pensava Elvis, o bom garoto de Tupelo? "Nada vejo de mal na minha dança. Apenas faço o que sinto. Quando velhos amigos me aconselham a moralizar meu jeito, escuto e continuo como sempre. Não consigo cantar parado. Sem a minha perna esquerda eu estaria morto. Mamãe é que custou a se acostumar com as fãs atrás de mim. Uma vez quis até impedir que elas me rasgassem a roupa, achando que podiam me machucar. Eu sempre dizia a ela: Calma, tenha paciência que isso é um bom sinal".

Após os álbuns distribuídos costa a costa, os filmes. A partir de **Love Me Tender**, estreado em novembro de 56, Elvis passou a ser um astro cinematográfico dos mais constantes e produtivos, e sua fama tornou-se mundial. Multimedia? Apenas dinheiro, diria o Coronel. Cerca de um milhão por ano, tirando os direitos autorais e royalties.

O que faltava a Elvis e ao Coronel? Só um lance de mestre: conquistar seus opositores, ou seja, a família americana. Ou, como se diria depois, o sistema. A chance de ouro veio no início de 57: Elvis foi convocado para o serviço militar. O Coronel não deixou que transparecesse um sinal de contrariedade, e recusou até mesmo uma oferta para que seu alistamento fosse no Corpo de Serviços Especiais, onde tudo o que faria seria cantar para as tropas. "Elvis é um cidadão americano pronto a cumprir com seus deveres" ele disse aos repórteres, enquanto vendia fotos no dia mesmo do embarque de Elvis, sem costeletas e uniformizado como qualquer recruta, em março de 58. Atrás de si, Elvis deixava 41 discos de ouro, quatro filmes arrasados pela crítica, mas recordes de bilheteria, legiões de fãs, uma fortuna de montante sigilosamente guardado e uma mansão, Graceland, nos arredores de Memphis.

Durante 18 meses, o praça Elvis Aron Presley serviu o Exército como um bom rapaz americano, saudável e forte. Dirigiu um jipe de combate numa base da OTAN (3) na Alemanha Ocidental, recebeu elogios públicos de seus superiores como "um soldado exemplar e disciplinado". Em 58 ainda, perdeu a mãe, figura solar de sua vida, vitimada por um ataque cardíaco ("Ela vivia tomando pílulas para emagrecer e ficar bonita para Elvis, agora que ele era famoso e rico", disse o tio Vester). Todos sabiam como o rebelde Elvis era um bom filho. A consternação foi geral.

E quando ele retornou, em março de 60, foi como se nunca tivesse saído. Na sua ausência, a RCA editara um enorme volume de avulsos, muitos ainda da série da Sun. Os fãs estavam encantados em ter um herói nacional de volta (em 60 ainda era um símbolo positivo servir o Exército). E os adultos tinham descoberto um novo Elvis: o garoto pobre que fica famoso e milionário com o próprio esforço e não hesita em abandonar tudo quando sua pátria o chama. O Governador do Tenessee saudou-o publicamente com um discurso em que disse: "Mostraste que és acima de tudo um cidadão da América, um voluntário do Tenessee". O jornal conservador Christian Science Monitor estampou um editorial na primeira página: "Elvis é uma prova viva da eficácia do american way of life. Ele reafirma nossa fé nos valores básicos de nossa sociedade". Seu mais recente filme, **King Crecle**, recebeu críticas moderadamente elogiosas. O rock 'n roll morria lentamente na América, frutificando os sub-Elvis: Ricky Nelson, Bobby Darin, Neil Sedaka. Em sua primeira entrevista ao voltar, Elvis disse: "Se o rock 'n roll morrer acho que morro também. Vou ficar desempregado". Depois pensou um pouco e riu: "Talvez não. Talvez consiga viver bem só com filmes". Quando Elvis fez sua reentrée oficial, num es-

continua na pag. 16

continuação da pag. 10

pecial de TV comandado por Frank Sinatra — o homem que já o chamara de "débil mental" e o rock 'n roll de "música para retardados" — ele e a América estavam de pazes feitas.

A história do sonho americano de Elvis Aron Presley, no que ela tem de convergente com a história e a glória do rock, deveria acabar aí. Porque depois de 60, não há mais rock na vida de Elvis.

E o que há? Muito dinheiro, quase um pequeno império, e a figura onipresente do Coronel. 27 filmes e 27 trilhas de filmes absolutamente inócuos, irrisórios e medíocres. Músicas: definitivamente pop music; da pior espécie, baladas adocicadas, italianadas, às vezes um esforço patético para seguir a moda, incluindo um twist, uma bossa nova. Filmes: "Eles podiam ser numerados e ainda assim iam ter boa carreira", disse Hal Wallis, diretor de muitos deles. "Eu acabei cansando. Era sempre igual: as garotas corriam atrás de mim, eu cantava pras garotas, eu batia em alguém e cantava depois", disse Elvis.

Há também uma vida tediosa e nababesca em Graceland e em Hollywood, cercado por um grupo muito íntimo de amigos-empregados que acabaram sendo chamados "a máfia de Memphis". Festas intermináveis, uma corte de garotas. "Era tão estranho o clima", lembra Ellen Plotton, uma freqüentadora ocasional. "As meninas ficavam todas em volta dele, em silêncio, esperando que ele lhes dirigisse o olhar. Se Elvis ria, todas riam. Se ficava sério todas ficavam sérias. As 11 horas ele ia dormir sem dizer uma palavra a ninguém". Houve um casamento, com Priscilla Beaulieu, uma garota típica do sul, filha de um coronel da Força Aérea. E houve uma filha, Lisa Marie, e depois um divórcio. Nenhum show, nenhuma tournée em quase 10 anos. Mas ainda uma renda anual bem acima do milhão de dólares.

Enquanto Elvis curtia seu sonho em Hollywood, um mundo que ele ajudara a criar fermentava à sua volta. Mas ele não via. Centenas de garotos pobres e sonhadores como ele haviam se nutrido e embalado com seus gritos, com seus gemidos. Por toda a América, através do Atlântico, nas docas de Liverpool, nos subúrbios de Londres, em Hamburgo, em Salvador. Todos haviam entendido a lição: Elvis mostrara que o rock não é só um ritmo para dançar e ser consumido, ele pode ser uma língua musical, um modo de ser, de entender. Foi Dylan, nas minas de carvão do norte, que só queria ser "maior do que Elvis". Foi Paul McCartney, para quem Elvis "era tudo o que eu queria ser". Foi Raul Seixas, para quem Elvis "era a própria libertação". E mais John Lennon, Jimi Hendrix, Erasmo Carlos, Peter Townshend, Rod Stewart, Eric Clapton, Mick Jagger. Foi o rock todo que explodiu, brilhou e se consumiu enquanto Elvis brincava de rei cansado.

Em 69, cansado demais, ele voltou à cena, largando os filmes. Fez um especial de TV vestido de couro, provando sua eterna juventude, seu perene sex-appeal. Gravou um disco impecável em sua velha Memphis. E voltou ao palco, num show luxuoso no Hotel Internacional de Las Vegas. A América inteira foi vê-lo, gritou e chorou com seus requebros ainda maleáveis, com as reedições de seus rocks. Por América entenda-se a maioria silenciosa mais os seus velhos fãs. É para eles que Elvis continua cantando, eterno símbolo sexual, lotando auditórios.

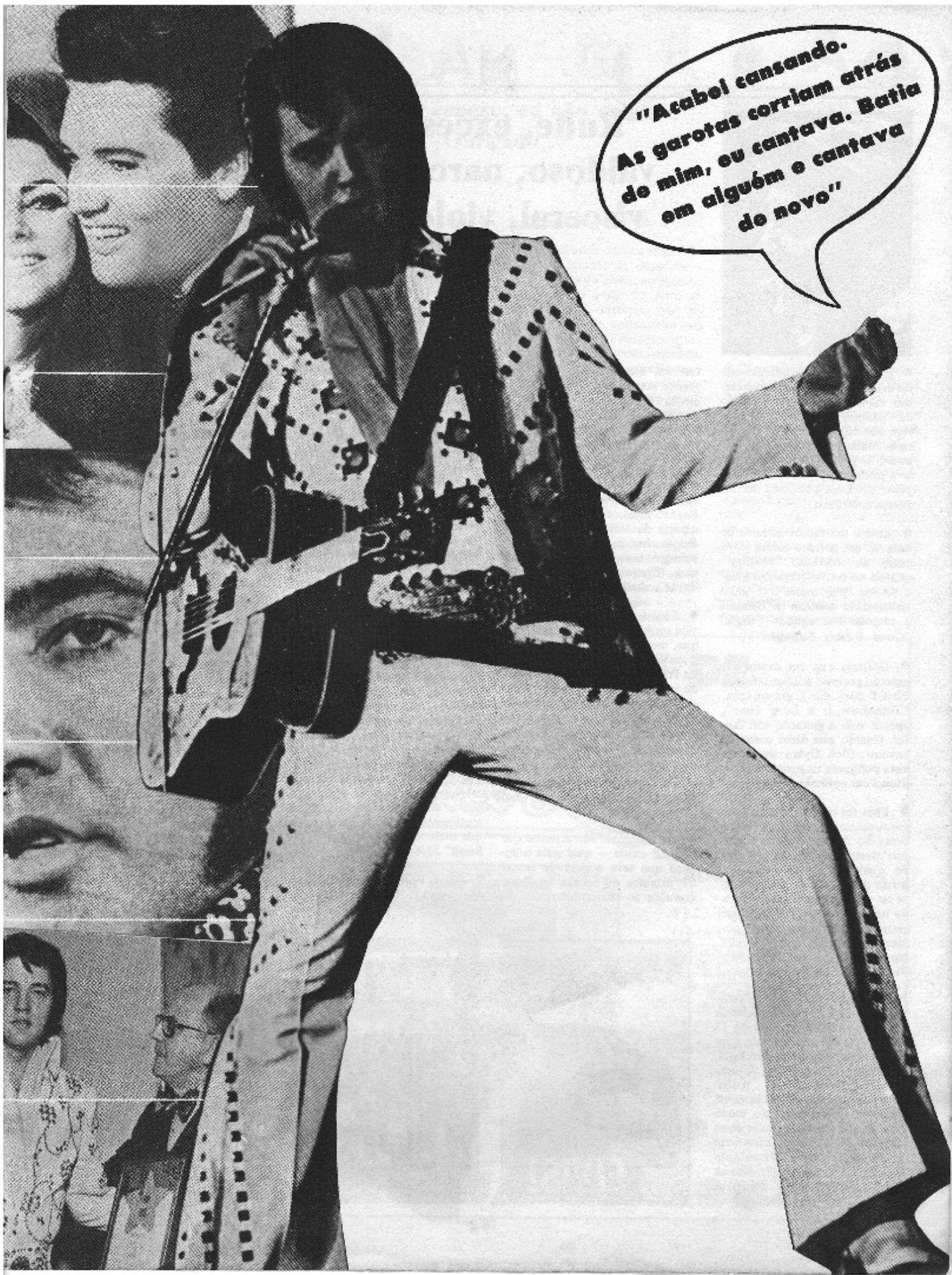
A crítica americana, mesmo a de rock, ainda gosta muito de Elvis, e acompanha com interesse cada perfeição artesanal que ele consegue em seus álbuns e shows. É compreensível: ele é um troféu americano, uma propriedade do imaginário americano. Em todos os sentidos, ele chegou lá. Mas, como disse seu antigo baterista D. J. Fontana "ele nunca entendeu realmente o que ele significou". **(Ana Maria Bahiana)**

(1) Estilização industrializada da guitarra havaiana, instrumento indispensável na música rural branca dos Estados Unidos.

(2) Tom Parker era Coronel por um título honorário concedido pelo Governo dos Estados Unidos, não se sabe bem por que. Exatamente como nossos "coronéis" do interior.

(3) Organização do Tratado do Atlântico Norte: liga política e militar formada por países europeus, sob o comando dos Estados Unidos.

"Acabei cansando. As garotas corriam atrás de mim, eu cantava. Batia em alguém e cantava de novo"

OPINIÃO

"Rude, excessivo, vaidoso, narcisista, visceral, violento"

● Elvis Presley é um potente cantor novo que pode fazer uma canção explodir, tanto no mercado do "country" quanto no de "rhythm and blues". (O single It's All-right Mama" comentado no "Bilboard" de julho de 54. Oficialmente a primeira opinião crítica a respeito de Elvis publicada na imprensa americana)

● Elvis é um cantor novo da pesada. É um potente cantor novo, tanto no mercado "country", quanto no do "rhythm and blue" e no da "pop music". (Comentários saído também no "Bilboard" a respeito do segundo "single" "Good Rock's Toninght")

● Gostaria que um cantor em especial gravasse minhas músicas: Elvis Presley. Ele já gravou uma, "Tomorrow Is a Long Time", apenas com a guitarra, sem cantar. Guardo esse disco como um tesouro. (Bob Dylan em entrevista publicada na revista "Rolling Stone", em novembro de 69)

● Elvis foi muito esperto. Apenas copiou o que faziam vários artistas do Apollo Theatre e com isso passou os negros pra trás. Se qualquer cantor negro, no início da década de 50, rebolasse no palco frente a uma platéia de brancos como Elvis fazia, seria massacradoou processado por atentado ao pudor. (Ray Charles em entrevista à revista "Rolling Stone", fevereiro de 73)

● Elvis continua sendo o reflexo da cultura popular americana, do mesmo modo, que era há 15 anos atrás. Por um lado ele é rude, excessivo, vaidoso, narcisista, violento. Mas por outro, é incrivelmente competente e profissional, despretensioso, estimulante visceral e talentoso — do modo mais natural e pessoal que se possa imaginar. Hoje em dia, Elvis é um artista inteiramente diferente do que era há 15 anos atrás, mas na minha opinião, apesar dos erros que pode ter cometido em sua carreira, ele continua sendo um grande artista. Na realidade, um artista tipicamente americano e um dos que mais deveria orgulhar o povo desse país. (John Landau, revista "Rolling Stone," novembro de 72)

● O tempo não perdoa ninguém. Antes, Mr. Elvis era o "Rei do Rock". Agora é o seu avô. Uma espécie de Mário Lanza do Pop. Balofo, barrigudo e ridículo, não consegue mais nem fingir que está vivo. (Ezequiel Neves, "Jornal da Tarde", abril de 75)

● Elvis é uma figura suprema na vida americana, com uma presença que, mesmo banal e previsível, ultrapassa qualquer comparação. Elvis Presley emergiu como um grande artista, um grande rocker, um grande cantor medíocre, um grande estraçalhador de corações, um grande chato, um grande símbolo de potência, um grande canastrão, uma grande figura humana e, é claro, um grande americano. (Greil Marcus, "Village Voice", abril de 75)

● Eu realmente não acredito que esse LP exista — qual seria o imbecil que teve a idéia de lançar 37 minutos de sobras de discos gravados ao vivo rotulando-as de "um álbum inteiramente falado" e ainda espera que alguém gaste dinheiro com essa porcaria? ? ? (Tony Clover comentando o LP **Having Fun With Elvis On Stage**, na revista "Creem", fevereiro de 75).

● Além de tudo, Elvis tem de ser considerado um dos grandes vocalistas do rock graças à força de sua performance. Ele é muito mais e o LP "Elvis. A Legendary Performer" resulta numa síntese de sua incrível aura. É uma excelente introdução ao homem, à música e ao mito. (Jim Miller, revista "Rolling Stone", abril de 74).

● O golpe de misericórdia dessa muito inteligente mise-en-scéne é a estranha capa curta, de mangas larguíssimas, branca e forrada de vermelho, um misto de roupa de Batman com roupa de Príncipe Encantado. Do ponto-de-vista do bom gosto, às vezes, o efeito é quase chocante. Presley, quando abre os braços para saudar os fãs, lembra bem de perto um robusto morcego branco. A voz é boa. Um pouco mais que medíocre. Mas o sentimento é muito e isto é o que vale mais. (Léa Maria, "Jornal do Brasil" 21/6/72)

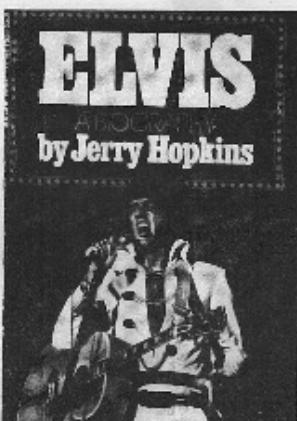
● "Elvis From Memphis" é mais que um LP. É a prova de que quem começou tudo isto está melhor do que nunca. Um verdadeiro "rock'n roller", Elvis domina de um modo totalmente visceral um repertório que derrubaria dúzias de Mick Jaggers. : Sem nehum esforço, ele vai da fúria à ternura, da ironia à paixão, em transições menores que um segundo. Ele só precisava de um disco para provar que ainda é o melhor de todos. Esse disco se chama: "Elvis From Menphis". (Paul Gambaccini, revista "Rolling Stone", outubro de 69)

● Não esposamos, naturalmente, esse ponto de vista do cantor mais discutido de nossa época, mas a verdade é que ele tem suas razões. Ele nunca estudou a arte de Euterpe, nunca andou às voltas com teoria, solfejo, harmonia, contraponto, etc. . . Mas o fato verdadeiro é que nunca, neste mundo sublunar alguém ganhou tanto dinheiro como intérprete musical quanto Presley. Sua mensagem musical tem o dom de sensibilizar e inflamar os impulsos latentes em cada um de nós. É por isso, talvez, que muitos apóiam sua música, seu estilo de interpretar, de sensualidade condenável. ("Revista do Rádio", setembro de 1956)

● Elvis é onde a música pop começa e termina. Ele é o grande original e, mesmo hoje, a grande imagem que faz todos os outros parecerem pálidos. Todos os seus fãs clubes são justificáveis: Elvis é Rei. (Nick Cohn, no livro "Pop From the Beginning". Editora Paladin, 1970)

● Porém, com ou sem censura, Elvis foi um inovador por sua música e sua dança. Mas os costumes mudaram. Hoje ninguém se escandaliza mais. Enquanto os pais de 1956 proibiam as filhas de ver Elvis, hoje, nessa apresentação no Madison Square Garden de Nova Iorque, havia até bebês no auditório. (Beatriz Schiller, "Jornal do Brasil", 21/6/72)

GELÉIA GERAL

"Sem uma canção, eu não existiria. Obrigado".

• **Grana Grossa:** Só em sua carreira na RCA Victor, Elvis gravou 60 LPs e 80 avulsos: 20 álbuns e 66 compactos simples receberam o disco de ouro. Não é difícil imaginar o que isto representa em dinheiro, muito embora nunca se tenha sabido ao certo o total da renda anual de Elvis. A revista Fortune chegou a afirmar que Elvis era o artista mais rico desse século, tomando como base suas propriedades e as doações que fez à prefeitura de Memphis: mais de 30 milhões de dólares. Em 1965 o jornalista Jerry Hopkins, autor da mais completa biografia sobre Elvis, conseguiu apurar grande parte do seu orçamento anual: salário por três filmes: 2 milhões de dólares; percentagem na renda desses filmes: 1.700.000 dólares; direitos fonográficos: 1.125.000 dólares; renda de suas editoras musicais: 400 mil dólares. Total: 5 milhões de dólares. Não entraram no cômputo final as vendas de artigos Elvis e os royalties pelo uso do seu nome. Dá pra entender por que, para Elvis e o Coronel, o número da sorte é 1 milhão.

• **O mundo não vale o meu lar:** Elvis comprou a mansão Graceland em 1957 pela bagatela de 100 mil dólares. Era uma típica casa do sul americano, com colunadas pseudo-gregas e jardins decorativos pseudo versailles. Elvis, com seu gosto típico de superstar de rock, introduziu algumas modificações: acrescentou um salão envidraçado na ala térrea, destinado a abrigar seus discos de ouro e troféus; colocou jukeboxes em cada uma das cinco salas e máquinas automáticas de soda limonada e pepsi cola (suas bebidas favoritas) nos 23 quartos, na piscina e no solário. Construiu uma pequena casa (dois andares, duas salas, quatro quartos) para seu pai e sua madrasta, nos fundos da casa principal e transformou parte dos jardins em pasto para seus cavalos de raça. Acrescentou uma estátua em tamanho natural, feita em bronze, representando sua figura adolescente de rocker, tocando sua guitarra. E o detalhe final: mandou pintar Graceland de tinta fosforescente e cercou a mansão de spotlights azulados.

• **Transas do Coronel:** A fama que Tom Parker deixou atrás de si dos seus tempos de estradeiro é uma mistura de lenda, achincalhe, e canção de gesta do faroeste Conta-se, por exemplo, que em seus tempos de barraqueiro nas feiras e mafuás, ele vendia mistura de água e anilina como limonada. E que seus cachorros-quentes franceses só tinham dois pequenos pedaços de salsicha em cada extremidade do pão: o resto era cebola, miolo de pão e até serragem. E que uma vez vendeu como canários alguns pardais pintados de amarelo. Depois, quando passou a agenciador de circos e parques de diversão, seus truques se sofisticaram. Certa vez instalou um parquinho num pasto de vacas e pediu ao dono que deixasse as vacas soltas durante a instalação das tendas. Resultado: no dia da estréia o parquinho estava todo cercado de bosta-de vaca. Todo não — havia uma pequena trilha desimpedida, mas era preciso pagar 50 cents. ao Coronel para atravessá-la.

• **Herói americano:** Entre outras honrarias, Elvis tem um título honorário de Oficial para o Combate aos Tóxicos, conferido pelo Presidente Nixon e um diploma de Cidadão Grande Benemérito da cidade de Memphis. Discurso de Elvis agradecendo o Diploma, na Câmara Legislativa da cidade :"Desde garoto eu aprendi que sem uma canção um homem não tem amigos, sem canção eu não existiria. Então eu continuarei cantando minha canção. Muito obrigado".

• Nascido no início de janeiro, Elvis é um nativo de Capricórnio, como Janis Joplin e Rita Lee. Seu ascendente é Touro, outro signo de Terra, o que o torna ainda mais voltado para o material, o cotidiano, o fixo. Sua carta astrológica diz: "Tipo predominantemente esquizóide, dividido entre a insensibilidade e a emoção excessiva. Obcecado com a família, com a figura materna, com o conforto material e a segurança afetiva. Sujeito a explosões de raiva e em permanente conflito interior. Grande energia sexual, tendência ao sadomasoquismo, preferência por garotas muito jovens."

Rock Dreams – Guy Pellaert

ROCK EM LETRAS

Love Me Tender

Love me tender, love me sweet,
never let me go.
You have made my life complete,
and I love you so.

Love me tender, love
me long,
Take me to your heart.
For it's there that I belong,
and we'll never part.

Love me tender, love me true,
All my dreams fulfill.
For, my darling, I love you,
and I always will.

Love me tender, love
me dear,
tell me you are mine.
I'll be yours through
all the years,
Till the end of time

When at last my dreams
come true,
Darling, this I know:
Happiness will follow you
everywhere you go.

(Ama-se ternamente)*

Ama-me ternamente, ama-me
docemente
nunca me deixe partir.
Você completou minha vida,
e eu te amo tanto.

Ama-me ternamente, ama-me
longamente
me deixe entrar em seu coração.
Lá é o meu lugar,
e nós nunca nos separaremos.
Ama-me ternamente, ama-me
carinhosamente,
diga que você é minha.
Eu serei seu através dos anos,
até o final dos tempos.

E quando afinal meus sonhos
se realizarem,
há uma coisa que eu sei, meu bem:
a felicidade estará com você
onde quer que você vá.

Jailhouse Rock

The warden threw a party in the
country jail.
The prison band was there and they
began to wail.
The band was jumpin' and the joint
began to swing.
You should've heard those knocked
out jailbirds sing.
Let's rock! Let's rock!
Ev'rybody in the whole cell block
was a-dancing to the jailhouse rock!

Spider Murphy played the tenor
saxophone,
Little Joe was blowin' on the slide
trombone.
The drummer boy from Illinois went
crash-boom-bang!
The whole rythm section was the purple
gang!

Number Forty-seven said to
Number Three:
You're the cuttest jailbird I ever
did see.
I sure would be delighted with your
company.
Come on and do the Jailhouse rock
with me.

The sad sack was a-sittin' on a block
of stone,
Way over in the corner weeping all
alone.
The warden said: Hey, buddy, don't
be square.
If you can't find a partner use a
wooden chair!

Shifty Henry said to Bugs: For heaven's
sake,
No one's looking, now's a chance to
make a break.
Bugsy turned to Shifty and sai:
Nix, Nix,
I wanna stick around a while and get
my kicks.

(Rock da Cadeia)*

O carcereiro deu uma festa na prisão
municipal.
A banda da prisão estava lá e começou
a gemer.
A banda pulava e o lugar todo se
agitou.
Você devia ouvir como os prisioneiros
chapados cantavam.

Vamos dançar! Vamos dançar!

Todo mundo que estava nas celas
dançava ao som do Rock da Cadeia!

Murphy, o Aranha, tocava saxofone tenor.
E Pequeno Joe soprava o segundo trombone.
O baterista de Illinois fazia crás-bum-bang,
Toda a seção rítmica era da pesada!

O número Quarenta-e-sete disse para o número Três:
você é a prisioneira mais bonitinha que eu já vi.
Estou encantado com a sua companhia,
vem dançar o Rock da Cadeia comigo.

Um sujeito desenturmado estava sentado num monte de pedras,
Lá no cantinho curtindo sua fossa.
O carcereiro disse: Hey, cara, não seja careta,
se você não arranja uma parceira dance com uma cadeira.

Henry Matreiro disse para Besourão: Pelo amor de Deus,
ninguém está olhando, é nossa chance de fugir.
Besouro virou pra Matreiro e disse: Nada disso,
vou ficar mais um pouco pra curtir.

Heartbreak Hotel

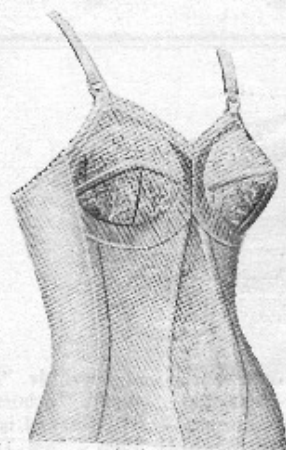
Since my baby left me, found a new place to dwell.
Down at the end of Lonely Street, at the Heartbreak Hotel.
I get so lonely baby, I get so lonely,
I get so lonely I could die.

Although it's always crowded, still can find some room,
where those broken hearted lovers cry away their gloom, oh!
I get so lonely, I get so lonely,
I get so lonely I could die.
Bell hop's tears keep flowing, desk clerks dressed in black.
They been so long on Lonely Street, they ain't never gonn' come back, oh!
I get so lonely, I get so lonely,
I get so lonely I could die.

If your baby leaves you and you have a tale to tell,
just take a walk down Lonely Street to Heartbreak Hotel.

(Hotel dos Corações Partidos) *

Desde que meu amor me deixou, achei um novo lugar para morar.
Lá no fim da Rua da Solidão, no Hotel dos Corações Partidos.
Eu estou tão só, baby, tão só,
tão só que tenho vontade de morrer.

Embora esteja sempre cheio, eu ainda posso conseguir um quarto,
lá onde os tristes amantes choram suas mágoas.
Eu estou tão só, baby, tão só,
tão só que tenho vontade de morrer.

Os camareiros choram sem parar,
os porteiros se vestem de preto.
Eles já estão há tanto tempo na Rua da Solicão que nunca mais vão voltar.
Eu estou tão só, baby, tão só,
tão só que tenho vontade de morrer.

Se o seu amor lhe deixou e você tem uma história para contar,
Dê um passeio pela Rua da Solidão até o Hotel dos Corações Partidos.

Blue Suede Shoes

Well, it's one for the money
two for the show,
three to get ready, now go, cat, go!
But you don't step on my blue suede shoes
You can do anything but lay off of my blue suede shoes

Well, you can knock me down, step in my face,
slander my name all over the place
Burn my house, steal my car, drink my cider from my old fruit jar

Do anything that you want to do,
but uh-uh, honey, lay off of my shoes
Don't you step on my blue suede shoes
You can do anything but lay off of my blue suede shoes

(Sapatos de Camurça Azul) *

É um pelo dinheiro,
dois pelo show,
três pra se aprontar e vai, cara, vai!
Mas não pise nos meus sapatos de camurça azul
Você pode fazer o que quiser, desde que saia de cima dos meus sapatos de camurça azul.

Você pode me derrubar, chutar minha cara,
falar mal de mim por todo lado,
queimar minha casa, roubar meu carro, beber a cidra de minha velha garrafa
Você pode fazer o que quiser,
mas, benzinho, saia de cima dos meus sapatos
Não pise nos meus sapatos de camurça azul
Você pode fazer o que quiser
desde que saia de cima dos meus sapatos de camurça azul.

Hound Dog

You ain't nothin' but a Hound Dog
cryin' all the time.
You ain't nothin' but a Hound Dog,
cryi'n all the time.
Well, you ain't never caught a rabbit and you ain't no friend of mine.

When they said you was high classed,
well, that was just a lie.
When they said you was hight classed,
well, that was just a lie.
Well, you ain't never caugh a rabbit and you ain't no friend of mine.

(Cão de Caça (1))*

Você não passa de um cão de caça,
uivando o tempo todo.
Você não passa de um cão de caça,
uivando o tempo todo.
Você nunca pegou um coelho sequer, você não é meu amigo.

Diziam que você tinha classe,
mas era mentira pura,
Diziam que você tinha classe,
mas era mentira pura.
Você nunca pegou um coelho sequer, você não é meu amigo.

(1) Há um duplo sentido na palavra **hound dog**: *ela significa igualmente "cão de caça" e "pessoa mau-caráter". Na música, os dois sentidos são usados ao mesmo tempo.*

***Tradução livre de Ana Maria Bahiana**